MEDICINA AO SERVIÇO DOS TIMORES

TL3479

Não é de forma nenhuma uma chamada à consciência e muito menos um despertar o que vou deixar aqui escrito em relação ao problema de saúde, mas um debruçar sobre as situações de urgência sanitária e a instituição da respectiva terapêutica.

Será escusado fazer vénias e pedestalizar a palavra saúde pois que é de nós sobejamente conhecida a sua importância e assim passarei imediatamente aos problemas inerentes a ela, com os quais a nossa terra debateu durante horas e horas duma noite tão longa que jamais conheceu manhã e que agora nos surgiu uma fresta por onde o sol maravilhoso da nossa "ilha verde e vermelha" espalha os seus raios.

Para continuar a minha descrição, torna-se-me difícil fazê-la com um carácter de conversa como era do meu desejo, levando-me assim forçosamente a fazer com que ela tenha uma cronologia prioritária dos problemas, dividindo-os em urgentes, que se deverão resolver a curtíssimo prazo e aqueles que terão lugar depois e para os quais muitos intitularão como fazendo parte do conteúdo dos livros de ficção científica, uma vez que Timor leva o epitáfio de "subdesenvolvido" graças ao colonialismo português, verdadeiro mal cancergso que me tastisou aquele solo.

Antes de mais é preciso saber que:

1º - O problema da saúde está ligado a estruturas políticas

2º - Que os meios de resolução dos problemas que apontei anteriormente implicam a criação de novas estruturas

3º - Em continuação do ponto 2º definir as linhas de orientação política e neste caso, as relacionadas com a saúde.

Em alusão ao ponto 3º que é afinal o facho luminoso que me vai indicar o trilho para esta minha ~~minha~~ escrita, vou desenvolvê-lo dizendo que "numa sociedade sem classes que é a que todos nós pretendemos, não há qualquer hierarquia hospitalar e verificam-se discussões livres entre médicos, enfermeiras(os) e doentes acerca dos diagnósticos e dos tratamentos; os erros cometidos não são camuflados: são antes minuciosamente analisados. As relações entre os doentes e médicos baseiam-se na igualdade e respeito mútuo; atitude de condescendente ou paternalista do médico está absolutamente deslocada, bem como toda a cordialidade simulada e falsa familiaridade" - HORN -.

Assim, não se justifica de forma nenhuma a existência na nossa terra de um delegado de saúde com poderes ditatoriais e mandatórios debaixo do qual estão as enfermeiras(os) que são tão dignos como aqueles, primeiro, como seres humanos que são e segundo, porque constituem o pessoal para-médico sem o qual o médico nada faz, andando perdido na estratégia duma enorme teia sem entrada nem saída, constituindo assim um autêntico labirinto, pois que é o pessoal para-médico que ~~está~~ encarregado de administrar injecções, instrumentar a grande cirurgia e muitas vezes até, de tirar e pôr arrastadeiras aos doentes quando não calha ser "servidores de cafés e compradores de maços de cigarros para os médicos!". São portanto pessoal para-médico e também servidores domiciliários, só o que o local não é a residência dos "doutores" mas sim o hospital !!!

Não se justifica assim e para que a medicina não seja um comércio mas sim o visar do bem estar orgânico e psíquico do doente, acaba a acumulação de "o ser médico de manhã" e professor de ciências naturais à tarde ou mesmo de manhã, não visitando desta feita o doente, não corrigindo o diário clínico, não alterando a terapêutica principalmente em doentes do foro das situações de urgência, como traumatizados cranianos em coma, pós-operatórios recentes, disproteinémicos, etc.

Mais uma vez reforço o valor do pessoal para-médico especificando-me às enfermeiras(os) que, se não tomassem a peito estes doentes no sentido de lhes medir a tensão arterial, vigiar o pulso, registar as temperaturas, medir diureses, chamar o mais depressa possível o médico quando nota que o enfermo está mal, ter a missão dolorosa de comunicar a família o falecimento do doente e quantas vezes preencher o papel do óbito porque o senhor doutor está "ocupado", que seria do m

médico?

Justifica-se, exige-se e urge o surgir de uma comissão de gestão formada por médicos, enfermeiras(os) e doentes tendo as enfermeiras(os) o dever de consciencializar os médicos dos seus deveres e de lhes lembrar amiudadamente que, apesar de não ser da terra e de serem obrigados a cumprir o serviço militar lá, têm e devem cumprir essencialmente o dever de médico não se deixando aliciar nas horas do trabalho, pelas lagostas do Costa Alves ou pelos divertimentos no clube de Sporting, porque, de cada vez que uma comissão de médicos militares aí vai, se se unissem às enfermeiras(os) pondo o raciocínio a trabalhar no sentido da resolução dos problemas sanitários de Timor e que incutissem ao pessoal para-médico (uma vez que a maior parte fica lá) a transmissão obrigatória, mediante estímulos interessantes, à comissão vindoura os trabalhos iniciados, seriam postos ao Governador problemas como o de criação de mais hospitais quer em Díli quer no interior e postos também os tais assuntos urgentíssimos de que falei no início desta descrição: centros de saúde mental, centros de doenças específicas como paludismo e as disproteinémias, equipamentos médicos para urgências como aparelhos de oxigênio, laboratório de anatomia patológica dentro dos hospitais a fim de evitar o envio de biopcias para a Metrópole causando desta forma enorme perda de tempo, material cirúrgico e de diagnóstico, vacinas, leites (sector de pediatria), centro de radioterapia, ensino do pronto socorro, facilidade na obtenção de medicamentos, etc.; assim médicos e enfermeiras(os) teriam um conhecimento profundo de toda uma estrutura política dum país colonialista, apercebendo-se ràpidamente da eterna não existência de verbas, mas a existência destas mesmas verbas para "subsídios de viagem e ajudas de custo" não dando alguma solução ao problema, antes pelo contrário, abrindo mais a ferida, aumentando mais a hemorragia e favorecendo a hemostase sòmente a certos senhores, detentores de poder na nossa terra e não ao povo que continuará a morrer em caquexia orgânica, psíquica, económica, cultural e política.

Como fazendo parte dos assuntos que incluirei num capítulo intitulado "para um futuro breve", aponto a criação dum instituto ou escola de doenças tropicais, escolas de enfermagem especializadas e porque não uma escola médico-cirúrgica?

Antes de terminar, preconizo uma escola de doenças tropicais, uma escola de enfermagem e uma escola médico-cirúrgica práticas, dentro dum contexto de igualdade entre professores e alunos e um dizer unânime do NÃO ao ensino teórico onde médicos e enfermenras(os) estão presentemente imbutidos !

Blanchinha Varella
Rodrigues.
(médica timor)